



**GEOGRAFIA EXISTENCIALISTA:  
NOTAS PARA UMA FENOMENOLOGIA DA HUMANIDADE**

**EXISTENTIALIST GEOGRAPHY:  
NOTES FOR A PHENOMENOLOGY OF HUMANITY**

**Rafael Bastos Ferreira**

*Geógrafo pela Universidade Federal do Amapá –  
UNIFAP*

*Belém, PA, Brasil*

*e-mail: rbferrera.geografia@gmail.com*

Artigo recebido em: 25/01/2013.

Artigo aceito em: 28/11/2013.

**Resumo**

Emerge nas últimas décadas no pensamento geográfico estudos voltados a decifrar fielmente as emoções, os significados e as representações que “contemplam” a condição existencial do homem-no-mundo. Este trabalho tem sido feito – especialmente – através dos geógrafos humanistas a partir de um sorteio teórico fundamentado na fenomenologia e no existencialismo. Com efeito, não economizaram um pensamento livre e engajado, para buscar geograficidades sobre uma geografia vivida em ato. Sem dúvida, foram eles quem melhor protagonizaram uma relação consistente entre Geografia e Filosofia; entre Geografia e Literatura. Aqui objetivamos apreender as proposições a partir de uma perspectiva existencialista, trabalhos que neste sentido não são muitos e ficando a cargo de poucos geógrafos.

**Palavras-chave:** Geografia humanista; Ser-no-mundo; Geografia existencial.

**Abstract**

Emerge in the last decades in geographic thought studies focused at deciphering the emotions faithfully, meanings and representations that "contemplate" the existential condition of man-in-the-world. This work has been done - especially - through humanistic geographers from a theoretical draw based on phenomenology and existentialism. Indeed, spared no effort for a free thinking and engaged to seek geographicities on a geography lived in act. No doubt, were they who staged a better consistent relationship between Geography and Philosophy; between Geography

and Literature. Here we wish to grasp the propositions from an existentialist perspective, works in this direction are not many and few geographers are responsible for making them.

**Keywords:** Humanistic Geography; Being in the world; Existential Geography.

## INTRODUÇÃO

O presente texto busca demonstrar uma “*Geografia da Existência*” sob as bases filosóficas do existencialismo, concomitante, centrando-se no seio das investigações fenomenológicas. Certamente, esta proposição não soa de bom grado aos olhos da ciência objetivista que vislumbra neste horizonte uma perspectiva pouco frutífera, uma vez, que ora julgada por análises abstratas/ idealistas ou ancorada em um certo “psicologismo”; ora estando ela promovendo um homem deslocado de sua materialidade histórica (“espaço vazio”). No entanto, não é nosso objetivo aqui um rebatimento sobre essas questões, embora se considere a importância de suas críticas.

Em primeiro momento, no curso das investigações que aqui se pretende, faz-se necessário voltar a alguns pressupostos relacionados à ciência geográfica sobre o tema existencial, porém, não objetivando um levantamento rigoroso sobre a história do existencialismo, uma vez, que há trabalhos demasiados nesse sentido. No entanto, referenciamos o existencialismo que se trata neste inquérito<sup>1</sup> no aporte filosófico de Jean-Paul Sartre (1905-1980), porém, apenas na sua pura inspiração filosófica e não em seu rigor teórico-metodológico. O que interessa-nos com autenticidade, nesse sentido, é demonstrar como o existencialismo se envolve ou pode se envolver no saber geográfico.

Além do mais, precisa-se registrar que trabalhos nesse sentido – na ciência geográfica – são tímidos, dando-nos, conseqüentemente, às dificuldades de referências neste texto. Quem melhor tem contribuído para esta discussão são os geógrafos humanistas. São eles que já na segunda metade do século XX passaram

---

<sup>1</sup> A ponderação torna-se necessário, pois, é sabido, que o existencialismo faz referências não somente a este filósofo, mas também, como em Søren Kierkegaard (1813-1855), Martin Heidegger (1889-1976) e Merleau-Ponty (1908-1961) especialmente.

a partir da fenomenologia e do existencialismo alicerçar um arcabouço teórico para uma geografia pensada sobre o homem em sua cotidianidade e mundo vivido. Mello (1990) considera que há quase uma inseparabilidade entre os dois movimentos filosóficos no humanismo geográfico, isto é, o existencialismo está intimamente ligado à fenomenologia, embora, há uma certa aversão no que tange esta geografia das existências, devido a primazia do do “sujeito do conhecimento” como o centro da questão (MELLO, 1999). Nesse sentido, a investigação no curso desta proposta, pretende-se buscar em sua objetividade algumas principais características desse pressuposto no pensamento geográfico, conduzindo um esforço de interpretação sob os textos de horizonte humanista, no que tange o tema do existencialismo e da fenomenologia.

No segundo momento, pensando de forma mais efetiva, o artigo incursiona pelo modo de pensar sob as possibilidades de uma geografia existencialista e, nesse sentido, seguindo um juízo reflexivo: como se conduz ou pode conduzir este caminhar? Certamente sob estes parâmetros interrogativos somos levados a discorrer nas meditações epistemológicas e, possivelmente, ontológicas, uma vez, que se trata das investigações existenciais do homem-no-mundo. Com efeito, em sua busca essencial, o texto anseia por uma busca de uma “*fenomenologia da humanidade*” de fundamento crítico, isto é, para pensar uma geografia da existência centrada no indivíduo e sua condição enquanto ser-no-mundo. Embora, pouco se têm fundamentado sobre este significado, assim como, sobre a fenomenologia existencialista, aqui esboçemos para uma interpretação não muito rigorosa. Além do mais, tomamos o sujeito do conhecimento como fonte primária, indagando-se, desde logo, a compreensão do homem neste horizonte nos estudos geográficos, isto é, a relação entre geografia (realidade geográfica), homem e existência.

Com efeito, uma geografia existencialista como se aponta tem em seu plano investigativo – e aqui iremos nos deter, não distante do existencialismo filosófico –, o homem enquanto o centro das reflexões: o ser-no-mundo, ou como fundamentou Eric Dardel na obra “*O Homem e a Terra*” (2011), enquanto ele mesmo um projeto livre face ao mundo circundante; em seu comportamento espaço-temporal e possuidor de significados no uso de suas percepções existenciais únicas e intencionais. Não obstante e como premissa maior, seria uma “geografia vivida em

ato” (DARDEL, 2011) – da existência à essência (SARTRE, 1978). Com isso, a obra de Dardel torna-se imprescindível para pensar uma geografia existencialista e fenomenológica, que para o nosso entendimento, é a possibilidade de uma ciência das essências (parafraseando E. Husserl).

Em um momento, tomaremos uma categoria geográfica para demonstrar este “revelar/acontecer” existencialista do homem-no-mundo: a Paisagem. Em outro momento, faremos a interlocução da possibilidade de um ensino pedagógico a partir de uma geografia existencial rumo a uma visão engajada e de responsabilidade do ser-no-mundo. Isso torna-se necessário, uma vez, se condicionarmos a discussão apenas no plano existencial do homem, correríamos o risco de permanecer nas reflexões filosóficas, ou cair numa mera descrição “psicológica” (atos psíquicos). Certamente, não se pretende tornar a discussão mais complexa e confusa, ao contrario, deseja-se clarear os estudos das possibilidades no campo das investigações e da disciplina.

Portanto, revelar o potencial existencialista, sua utilização e seus parâmetros no saber geográfico move a proposta deste texto. Isso não se quer dizer que apresentaremos respostas ou conclusões definitivas, estamos longe disso. Pretende-se levantar questões, indagações e interrogações com o intuito de contribuir para os debates que estão na agenda da geografia humanista. Não obstante, esta geografia existencial nada mais é do que uma geografia que busca compreender o homem em mundo circundante, compreender, em certa medida a espiritualidade; portanto, em sua mais profunda condição de ser e se perceber no mundo.

## **EXISTÊNCIA E GEOGRAFIA**

O humanismo contemporâneo na geografia inicia-se em meados da década de 1950<sup>2</sup>, chegando a seu auge nos anos 1970 com os estudos de Yi-Fu Tuan, Edward Relph e Anne Buttimer especialmente. Influenciados pelos fundamentos de

---

<sup>2</sup> “A abordagem humanista na geografia se estrutura a partir da década de 50 tendo como base o estudo do indivíduo frente ao mundo se fundamentando na abordagem fenomenológica e no existencialismo. Assim a geografia passa a privilegiar a subjetividade, intuição, sentimentos, experiências e simbolismos, acentuando assim o as particularidades e singularidades visando a compreensão do mundo e do ser humano” (KOZEL, 2010, p. 3-4).

rigor da fenomenologia e do existencialismo de Edmund Husserl, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Merleau-Ponty, este movimento passa a questionar a ciência geográfica (positivista) em sua teoria e método (NOGUÉ, 1985). Embora este horizonte seja entendido por um lado como uma postura crítica (ENTRIKIN, 1976) do que uma alternativa positiva as carências ontológicas e do conhecimento, sem dúvida, o humanismo contemporâneo na geografia é quem melhor tem contribuído numa aproximação entre ciência, literatura e filosofia (BUTTIMER, 1976). Por outro lado, tem ela apontado proposições significativas de cunho teórico e metodológico, em busca da essência das experiências cotidianas (MARANDOLA JR., 2005a). Certamente, esta *démarche* remete para uma crítica do conhecimento no pensamento geográfico, embora sua fundamentação ainda mereça melhor esclarecimentos.

Por outro lado, desconfortados com o deslocamento do homem em seu mundo vivido e de uma ciência que tem se preocupado com a causa última do fenômeno (FERREIRA, 2011), geógrafos humanistas a partir das bases fenomenológicas e existencialistas passaram a reconhecer esta ciência em sua crise moderna e paradigmática. Para tanto, em busca de escapar de uma visão apenas na esfera dos fatos concretos uma conduta metodológica que renove rumo às impressões originais do mundo vivido e das experiências cotidianas tornou-se cada vez mais necessária e urgente. É Nesse sentido, que o humanismo na geografia a partir do “método” fenomenológico existencialista vem propor um retorno ao ser humano enquanto o centro do mundo. Para Marandola Jr. (2005b, p. 57), portanto, esta abordagem “coloca-se, dessa maneira, como o principal método de investigação dos estudos geográficos orientados por uma abordagem humanista”.

Embora se encontre poucas pesquisas da relação entre geografia, fenomenologia e existencialismo, é preciso considerar que nos últimos dez anos, sobretudo no Brasil, estudos nesse sentido vem ganhando campo nos trabalhos acadêmicos de diversas áreas do conhecimento. Certamente, em geral, a abordagem fenomenológica obteve melhor atenção às possibilidades metodológicas para a ciência geográfica, objetivando revelar as particularidades e o dinamismo do mundo vivido e da experiência humana. Mesmo que não encontramos de forma clara na literatura geográfica estudos direcionados sobre o entendimento e o

significado de geografia existencial nas pesquisas e disciplinas, ainda sim, ficam explícitos que o caminho de sua interpretação ancora-se no estudo da subjetividade e da intersubjetividade humana, na experiência cotidiana no espaço vivido e no comportamento dos sujeitos.

Não obstante, é verdade que o fenômeno há muito tempo esteve ligado e preso a uma dualidade que o colocava num momento ao mundo exterior, ora noutra, ao mundo interior, como se houvesse dois mundos e as suas manifestações se condicionavam a uma série finita de um dado objeto (SARTRE, 1997). Com efeito, em certa medida, o revelar humanista é sem dúvida resultado direto do esgotamento de uma ciência que coloca o homem como fator secundário e dicotômico (exterior e interior), abstraído e suprimido de sua condição na Terra. As transformações do mundo nas dimensões vividas dos homens requer neste tempo um olhar mais apurado e vigilante dos estudiosos. Nesse sentido, o homem não pode ser mais compreendido como um objeto que encontra-se “ali” pronto para ser estudado. Como próprio de sua condição existencial, um ser inacabado, o homem em sua experiência geográfica é, sobretudo, um ser geográfico em perpétuas transformações de suas percepções, experiências e representações.

Um ponto interessante no qual se deve ressaltar é que tanto a fenomenologia como o existencialismo em seu entendimento traz para a ciência geográfica as possibilidades reais de uma (re)discussão ontológica, nas quais são dimensionadas as questões do conhecimento e, sobretudo, uma aproximação com a filosofia, podendo chamar, o campo de uma *geografia primeira*. Isso não quer dizer que desejamos uma metafísica na geografia, todavia, apenas percebe-se que este tema atualmente não se dá com o mesmo fôlego em relação aos trabalhos epistemológicos e metodológicos, no entanto, não se trata aqui de culpar intenções investigativas. Outrora, devemos reconhecer os trabalhos de Milton Santos, Armando Correa da Silva e mais atualmente Ruy Moreira, entre outros, no que concerne às discussões do espaço na perspectiva ontológica. Martins (2007, p. 33) adverte sobre o assunto quando se trata deste debate:

Sempre que se menciona o tema da ontologia no cenário da ciência geográfica, parece que os termos do debate estão apontados. Ou seja, tratar de ontologia em Geografia é remeter a discussão de observar à

existência, ou não, de uma ontologia do espaço, mais exatamente do espaço geográfico. Isso num primeiro momento. Em um estágio subsequente, ocupa-se em definir propriamente os elementos ontológicos constituintes do espaço.

Ainda hoje, sem dúvida, há uma carência desta discussão no pensamento geográfico. Não obstante, o humanismo na geografia nos últimos anos vem se debruçando sobre esta questão<sup>3</sup>. Embora, seu campo investigativo parta do sujeito do conhecimento e muitas vezes ancorado no *cogito* cartesiano, os geógrafos humanistas tem alicerçado de forma positiva uma geografia ontológica tendo o homem genuinamente como o centro de suas reflexões nos níveis das experiências mundanas e do pensamento crítico.

Diante desse esboço passamos a limitar e refletir, daqui em diante, ao nosso tema: como pensar a perspectiva existencialista no pensamento geográfico? Como o existencialismo pode contribuir na ciência geográfica no campo das investigações e, não menos, das possibilidades pedagógicas? Embora os estudos na perspectiva fenomenológica e existencialista nos levam para algumas reflexões de cunho ontológico, iremos nos deter em algumas ora em questões mais gerais, ora em específicas. É preciso ponderar que a própria abordagem existencialista nos estudos das ciências humanas se apresenta quase sempre como “pano de fundo” em suas fundamentações. Nesse sentido, ainda hoje, poucos trabalhos ficaram abertamente declarados no que se referem suas potencialidades no campo da ciência - sobretudo na ciência geográfica.

Embora a perspectiva fenomenológica e existencialista tenha obtido uma grande ampliação no século passado, poucos estudos nos oferecem subsídios para que possamos desenvolver uma reflexão no pensamento geográfico. Entrikin (1976) em seu artigo “*Contemporary Humanism in Geography*” faz um esforço nesse sentido (LÉVY, 1990), assim como, Samuels (1978) no texto “*Existentialism and human geography*”, David R. Lee em “*Existentialism in Geographic Education*”. Além do mais, trabalhos acadêmicos recebem poucas orientações nesse sentido. Certamente, há motivos diversos. O que cabe considerar de fato, é que muitos

---

<sup>3</sup> Faço referências aos Seminários Nacionais sobre Geografia e Fenomenologia (I, II, III e IV) promovido pelo Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural.

geógrafos sofreram influências diretas do existencialismo e, sobretudo, da fenomenologia: Eric Dardel (Martin Heidegger), Milton Santos e Armando Correia da Silva (Sartre), entre outros. Atualmente, tem ocorrido uma grande ampliação no debate sobre as preposições humanistas e fenomenológicas na geografia, sejam elas para uma crítica de seu fundamento, sejam elas para pensar possibilidades no campo das investigações. Cabe ressaltar, que o pensamento fenomenológico e existencialista na geografia não são pares inseparáveis, ao contrário, pode haver uma geografia pensada fenomenologicamente bem distinta daqueles que exercem uma reflexão existencial. Há de todo modo, uma complementariedade entre elas e não uma subordinação.

Portanto, a seguir o objetivo é demonstrar que a abordagem humanista nos oferecem subsídios para um pensar uma geografia existencialista. Sem dúvida, referenciar a abordagem fenomenológica apenas em sua forma crítica aos postulados científicos, certamente, por um lado, isso é verdade, porém, ela não se limita tão-somente a isso: ela está também no campo científico sobretudo, não se reduz tão somente a sua exatidão, ou seja, ela faz com que a ciência se torne mais humanista (RELPH, 1981).

### **Eric Dardel: Fenomenologia e Existencialismo**

Para Holzer (2001), Dardel produziu o melhor tratado de uma geografia fenomenológica. De acordo, fazemos referências ao trabalho original em “*O Homem a Terra: natureza da realidade geográfica*”. Esta obra nos possibilita mergulhar ao mundo da existência do ser-no-mundo, um homem face a face à realidade geográfica, enquanto ele mesmo, um projeto que se lança na descoberta, dos significados e das representações. Para Bertrand Lévy (1990) em “*L’apport de la philosophie existentielle à la géographie humaniste*”, Dardel foi um importante geógrafo na gênese de uma geografia pensada com filosofia, sendo o primeiro contato com a riqueza da anexação da filosofia existencial para a geografia. Portanto, atribui-se a ele o primado de uma geografia fenomenológica e existencial. Embora tenha sido negligenciada em sua época, sua obra recentemente foi publicado no Brasil após 58 anos de sua primeira edição em 1952; hoje, contudo, chega para enriquecer e reforçar a biblioteca dos geógrafos humanista, assim se

refere Marandola Jr. em seu prefácio. No entanto, seus estudos passam despercebidos na França, mas vê seu trabalho reconhecido na América do Norte (CLAVAL, 2001, HOLZER, 2001, 2010), onde ganha campo para uma abordagem fenomenológica no pensamento geográfico.

Sua proposta percorria a fenomenologia existencial e fazia duras críticas às formulações positivistas no contexto da ciência geográfica. Pensava sobre a primazia filosófica do ser-no-mundo revelando influências diretas de Heidegger. Dardel refletiu sobre a Terra como espaço de estudo da experiência humana e, nesse sentido, o “espaço geográfico”, sobre o que chama de “geograficidade”, sendo o elemento essencial de uma “geografia vivida em ato” (DARDEL, 2011). Holzer (2001, p. 113) acredita

[...] que sua principal qualidade reside no fato de não se ocupar apenas no método fenomenológico, mas também com questões ontológicas que se referem a uma ontologia da espacialidade, uma ontologia fenomenológica da espacialidade, ou melhor, da geograficidade [...] ou uma nova ontologia da geografia.

Além de ter sofrido este esquecimento por parte dos geógrafos de sua época, poucos trabalhos acadêmicos buscaram reconhecer a relevância de sua proposta<sup>4</sup>. Sem dúvida, falar de Dardel é falar da relação do homem em sua existência e, nesse sentido, o autor vai ao inquérito de uma ontologia na ciência geográfica, expondo temas centrais remetendo para uma discussão crucial de cunho ontológico: a relação do Homem com a Terra.

A Terra seria o mundo da vida como solo originário da existência e da experiência humana e, sob este parâmetro, o autor expõe uma conduta fenomenológica na investigação geográfica. A condição do homem-no-mundo e seu modo existencial de experienciar a realidade geográfica renova um olhar às bases do conhecimento no campo saber.

Para tal trabalho, a fenomenologia é a base na obra de Dardel no horizonte das meditações existências. Desse modo, não partindo de premissas pré-

---

<sup>4</sup> Raffestin (1987) em “**Pourquoi n’avons-nous pas lu Éric Dardel?**”, Jean-Marc Besse (1988) em “**Lire Dardel aujourd’hui**”.

estabelecidas, o autor busca uma investigação na sua mais pura evidência de enxergar a vida e o mundo.

A realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de uma infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade (DARDEL, 2011, p. 34).

A geografia, nesse sentido, sofre uma regressão fenomenológica de sua realidade. Ela requer uma aparição profunda e fiel da condição humana face sua presença no mundo, por outro lado, ela revela os modos, os valores e os significados desta mesma presença e manifestação. Sem dúvida, este acontecer entre geografia, fenomenologia e existência denuncia, por conseguinte, o sujeito existencial em ato e liberdade. Falamos portanto, a partir disso, de uma geografia existencialista.

Dardel sem dúvida nos remete de um lado às questões do conhecimento na ciência geográfica, fazendo um exercício eidético fenomenológico sob a realidade. Por outro lado, o homem é chamado em sua existência como fonte primária de um “revelar” existencial. Nesse sentido, pensar fenomenologicamente a realidade geográfica é tema de Dardel, esboçando possibilidades de uma interpretação suficiente no que envolve a relação entre geografia e existencial. Portanto, a realidade geográfica desperta o geógrafo, ela é o palco que denuncia a totalidade humana no mundo; para “alcança-la”, a percepção e a intuição é chamada as possibilidades de sua compreensão.

### **Olhar e Sentir, Pensar e Ser: A Paisagem**

A geografia se completa quando chega ao coração do homem e as suas razões; quando revela a sua relação de cumplicidade com a Terra: “lugar de seu destino e realização” (DARDEL, 2011). E nessa narrativa – entre o homem e a Terra – então se constrói o palco da condição existencial do ser-no-mundo, o lugar de sua raiz fundante; misteriosa e genuína. Avesso a este anunciado, uma geografia que se desloque ao buscar onde a terra que o homem pisa, seja no Norte ou no Sul, no Nordeste ou no Centro-Oeste, que em essência denuncia sua profunda condição

existencial, dos sentidos e dos sabores, da cultura e dos costumes é uma geografia que está preocupada com a objetividade última. Esta geografia vem atrás à sua frente vem uma geografia primitiva (DARDEL, 2011).

Este revelar existencial não é tão-somente uma “coisa” abstrata, idealista ou materialista, é parte e uma série total das aparições/manifestações do ser. Com efeito, a realidade geográfica não é um *locus* burocrático do saber; a geografia existencialista, portanto, chama o homem para um despertar, que lhe toca a emoção, a sensibilidade, o engajamento crítico; que lhe toca como surpresa e espanto aos olhos.

Escapa-se-nos de todo, na Amazônia, a enormidade que só se pode medir, repartida; a amplitude, que se tem de diminuir, para avaliar-se; a grandeza que só se deixa ver, apequenando-se, através dos microscópios, e um infinito que se dosa a pouco e pouco, lento e lento, indefinidamente, torturadamente. A Terra ainda é misteriosa. O seu espaço é como o espaço de Milton: esconde-se a si mesmo. Anula-se a própria amplidão, a extinguir-se, decaindo por todos os lados, adstrita à fatalidade geométrica da curvatura terrestre, ou iludindo as vistas curiosas com o uniforme traçoeiro de seus aspectos imutáveis. A inteligência humana não suportaria de improviso o peso daquela realidade portentosa. Terá de crescer com ela, adaptando-se-lhe, para dominá-la. Para vê-la deve renunciar-se ao propósito de descortiná-la. (CUNHA, 2000, p. 17).

A paisagem nesta fenomenologia existencialista evoca um combinar destes aspectos existenciais do homem-no-mundo, isto é, ela denuncia um revelar/acontecer/desvendar. Aquele que nasce na beira do rio Xingu, o trabalhador do sertão nordestino, o gaúcho que toma seu chimarrão no inverno rigoroso. Além do mais, uma geograficidade é escrita nestes lugares, a paisagem, portanto, chama o homem intencionalmente e, portanto, “não um conjunto desconexos e pitorescos” (DARDEL, 2011).

A geografia existencialista a partir da paisagem, por um lado, mostra seu valor ao descrever as narrativas que contemplam o olhar do viajante e do imigrante. Daqueles que sentiram o frio gélido ao atravessar a fronteira, ora por catraias<sup>5</sup> ou

---

<sup>5</sup> Barco pequeno e utilizado para o transporte de pessoas e mercadorias. Muito utilizado para a travessia ilegal na Fronteira entre Amapá (Brasil) e Guiana Francesa (Território Francês).

carroças, ora na dura jornada de dias de caminhas no deserto escaldante. Um mundo se abre diante dos olhos e dos homens e a todo o momento entra em jogo uma busca existencial seja de liberdade, seja de libertação. A paisagem evoca a existência, “Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização” (DARDEL, 2011, p. 31).

A paisagem evoca o olhar e sentir: ela deslumbra aos olhos tanto em seu estado puro como natureza, quanto em estrutura arquitetônica – produto do homem. A paisagem evoca o pensar e ser: ele nos eleva as reflexões, as meditações. Momentos de contemplações e afinidades, de angústias e sofrimentos. Portanto, a geografia da existência busca fazer da experiência concreta do homem-no-mundo uma possibilidade de conhecimento subjetivo (também), objetivando conforme o próprio fundamento existencialista, preencher a “lacuna que separa o subjetivo do objeto, idealismo e materialismo, essência e existência” (SAMUELS, 1981, p. 115).

## **NOTAS PARA UMA FENOMENOLOGIA DA HUMANIDADE: CONSCIÊNCIA E CRÍTICA**

Sou eu um ser pensante; que pensa sobre mim mesmo, sobre os outros e sobre o mundo. Porém, nesta reflexividade não estamos no campo da “consciência enquanto consciência” de si mesmo, “um saber que se sabe”. Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre já nos livraram desse mal entendido no século XX a partir das formulações da consciência intencional e posicional do ser-no-mundo. Certamente, não seria por isso que abandonaríamos o *cogito* de Descartes<sup>6</sup>, e sem culpa assumimos. Cabe então um avanço sobre um pensar de *geografia existencialista* e as suas possibilidades disciplinares.

No horizonte fenomenológico-existencialista, é verdade que e o humanismo na geografia é, à primeira vista, uma “*Filosofia da Existência*”. Para os geógrafos fenomenólogos isso se reflete numa incursão às possibilidades do conhecimento no campo das investigações do mundo vivido: isso está no campo teórico como já vimos. Portanto, como pensar de forma mais prática e aplicável nas disciplinas

---

<sup>6</sup> Em “*Méditations Cartésiennes*” Husserl (1966) nomeia Descartes como “patriarca” da fenomenologia.

educativas? É possível uma geografia da existência investigativa e pedagógica? O que ela quer dizer?

Primeiramente, devemos aceitar esta geografia sob uma proposição primeira e evidente: uma “Ciência do Espírito”, para utilizar o termo de (HUSSERL, 2008). Nesse pressuposto geral, seria uma ciência que não se pretende o conhecimento sobre um conhecimento, mas as possibilidades para alcançá-lo em sua forma originária e genuína, imaginária e evidente, intuitiva e transcendente. Dardel (2011, p. 33) entendeu cedo este “chamado”: “a geografia não é, de início, um conhecimento”; em outros argumentos, seria onde o homem se faz no mundo e o mundo a partir dele se evidencia<sup>7</sup> (HOYAUX, 2009).

O existencialismo ao aporte da fenomenologia, nesse sentido, nos revela com clareza o que desejamos, isto é, para uma geografia existencialista que busca: as possibilidades do conhecimento a partir de cada indivíduo num constante transcender-se (consciência-mundo). Falar sobre estes aspectos é a possibilidade de ação efetiva de compreensão da vida mundana e das condições subjetivas dos indivíduos e seu autoconhecimento: Temos nesse sentido, uma oportunidade pedagógica professor-aluno, aluno-professor.

A percepção individual de cada pessoa, seguida das interações perceptivas organizadas mediante atividades elaboradas por elas, mediadas pelo professor, devem ser o ponto de partida para a prática educativa, que num primeiro momento deve contar com a fenomenologia, que oferece aporte à geografia, mesmo com algumas ressalvas científicas, mas muito próximo de uma elaboração metodológica e didático-pedagógica (CORREIA, 2010, p. 98).

Para um procedimento intelectual do pesquisador (professor), torna-se necessário uma tarefa: conduzir a atitude fenomenológica do eu (JOHNSON, 1983) para alcançar a transcendência do mundo vivido, em segundo, direcionar-se para o próprio reconhecimento de sua condição no mundo. Para Seamon (1979, p. 42) “*An*

---

<sup>7</sup> Conforme Santos (2011, p. 74) “O mundo para o fenomenologista é o contexto dentro do qual a consciência é revelada”.

*important aim of phenomenology is understanding*". Não há dúvidas que pelo lado pedagógico esta tarefa é possível dissipar-se, isto é, a conduta do professor em sala possibilitar compreender não só os fatos racionais dos indivíduos, mas também, suas representações e emoções cotidianas (subjetividade e intersubjetividade): como eu sinto e percebo a vida geográfica espiritualmente. A fenomenologia para uma educação geográfica pode então "ensinar" sobre sua própria existência (a condição humana), além de possibilitar reflexões à sua vida cotidiana (SEAMON, 1979). Esta tarefa torna-se possível também pela via proposta por Goto (2013) proferindo a necessidade de uma geografia fenomenológica e/ou eidética.

Desse modo, uma eidética geográfica considera este eu que vivo sou aquele que ora estou numa praia vazia; observando as crianças brincando na areia, que se deslumbra com a cachoeira rolando pelas rochas. Sartre (1947, p. 32) nos lembrou bem deste "acontecer" fenomenológico: "*Ce n'est pas dans je ne sais quelle retraite que nous nous découvrirons: c'est sur la route, dans la ville, au milieu de la foule, chose par miles choses, homme parmi les hommes*". Não obstante, a geografia existencialista põe os indivíduos frente sua posição (consciência crítica) intencional no mundo e, portanto, não escapando de uma ação política engajado. Conforme Lee (1974) cada indivíduo responsável tem uma geografia existencial: imagens, percepções espaciais e temporais, concepções da realidade geográfica. Esta *revelação* se manifesta a partir das categorias geográficas: espaço, lugar, território e paisagem. Portanto, "*At the center of an existential geography is the locus of ego; outward from this center extends the space of the individual's awareness: the home, neighborhood, town, region, continent, world, universe*" (LEE, 1974, p. 13).

Não obstante, o lugar passou a ser um dos conceitos que define em essência a ciência geográfica: pois, possui personalidade, dado pela experiência do corpo atribuindo valor: como cheiro, barulho, ou seja, apresentando uma estética do lugar. Em resumo, o lugar é o visível das experiências concretas, a partir da experiência de cada um.

A paisagem passou a marcar a revelação do ser e do existir. O território, pouco ainda estudado nos estudos fenomenológicos e existencialistas, é chamado à sua interpretação em sua dimensão vivida (DE PAULA, 2011). Tudo isso, nos traz a revelação do ser-no-mundo a partir da realidade geográfica. O homem é chamado a

uma geografia eidética enquanto *ser-para-si* e arriscar-se gratuitamente à Terra rumo as suas impressões originais. As categorias geográficas nada são senão a aparição do próprio ser engajado no mundo livremente. Certamente, as categorias não podem ser apresentadas em seus entendimentos como estruturas compartimentadas. Elas remetem a uma série total de todas as aparições do ser-geográfico-fenomenológico engajado.

Os geógrafos, generalizando, nos últimos anos ou já algum tempo recusou o ser na geografia. Por vezes, denunciou que tal discussão é abstrata, passando a direcionar sua interpretação numa materialidade objetiva e histórica; como se o objeto ficasse estático, bastando ao pesquisador apenas ir ao seu encontro. Ao contrário, a geografia fenomenológica e existencial é o retorno ao mundo da vida, onde se encontra a própria geografia da criticidade, uma vez, que falar de existência dos indivíduos e falar, sobretudo, de condutas e valores (sejam elas científicas, filosóficas ou mundanas) e, portanto, para uma consciência crítica e que impõe a responsabilidade de cada indivíduo. Portanto, *“Existentialist education, then, is one which teaches recognition of subjectivity and responsibility”* (LEE, 1974, p. 15) e, desse modo, não podendo haver a sobreposição dos fatos históricos sobre os indivíduos, mas sim, sendo estes fatos resultado da própria ação dos indivíduos no mundo.

Sendo assim, numa perspectiva egológica existencial, eu reconheço o que sou, ou seja, penso sobre a minha conduta, nos meus valores, na minha condição no mundo. Não menos, reflito sobre os fatores que revelarão o meu modo ser e existir; penso sobre o que me revela ao mundo. Com efeito, penso em minha vida, logo, o que é a minha vida senão os atributos que me façam reconhecer o que sou. Não há dúvidas, que este proceder poderia ser transformado em diálogo didático e de aproximação pedagógica e educativa, ou como apresenta Lee: **“educação existencialista”** e **“geografia existencial”**, no qual, aqui chamamos de **“geografia existencialista”**.

Para o educador esta tarefa é uma atitude fenomenológica que se engaja no sujeito (ego), traz-nos a percepção de uma revelar positivo de nossas experiências. Isso significa um retornar ao mundo da vida como propôs Husserl em *“The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology An Introduction to*

*Phenomenological Philosophy*” (1970). Acreditamos que não podemos pular o próprio ser existente e do outro, logo, não se trata de objeto-sujeito, mas sim, de sujeito-sujeito. Não queremos conhecer uma geografia contemporânea sob um certo tipo do “espírito-aranha” como demonstrou Sartre<sup>8</sup>, isto é, em nosso caso, o pesquisador que vai ao encontro de “seu” objeto desejado, e o toma como proprietário, sugando e levando-o até seu “vim”. Portanto, a geografia existencialista, título esse ainda estranho para alguns, quer o conhecimento do sujeito e da vida mundana pensada criticamente, uma geografia ancorada em seu comprometimento humanista. O conhecimento não está nas coisas estáticas e de fácil acesso, está por aí; em liberdade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que nos interessou neste texto foi demonstrar pensamentos do existencialismo no horizonte da geografia humanista, esboçando sob o título sugerido ainda obscuro: Geografia Existencialista. Certamente, não percorremos para sua significação filosófica embora a partir da abordagem fenomenológica estabelecemos alguns juízos e possibilidades. Também, não objetivamos com rigor traçar caminhos epistemológicos sobre escola da geografia humanista, uma vez, que há trabalhos bem claros nesse sentido. Embora não avançamos em muitos casos, assim como, o próprio pensamento fenomenológico e existencialista na ciência geográfica, alguns pontos ficaram evidentes e claros. Certamente, com efeito, algumas inquietações necessitariam de um aprofundamento mais rigoroso e detalhado, porém, aqui abrimos apenas como introdução para um retornar em uma outra oportunidade. Em considerações preliminares, podemos delimitar alguns pontos positivos sobre a proposta do tema.

Em primeiro, a geografia existencialista e fenomenológica nos conduz a um retornar às preocupações ontológicas e do conhecimento na ciência geográfica. Em segundo, explicitamente, ao lado da fenomenologia, além de refletir sobre o modo das experiências geográficas (descrições), todavia, ela não se limita a isso. Seu horizonte ancora-se sobre um pensamento de consciência crítica da realidade e não

---

<sup>8</sup> SARTRE, Jean Paul. Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: l'intentionnalité. In.: **Situations I**. Paris, Gallimard, 1947.

tão-somente no campo das contemplações e posturas apolíticas. Nesse sentido, a condição existencial dos indivíduos é para a geografia existencialista, uma (re)afirmação de base crítica humanista da ciência e de importante papel reflexivo para os problemas contemporâneos.

Certamente, como demonstramos a inserção dessa discussão via o professor enquanto ferramenta didática traz a possibilidade que o aluno se reconheça existencialmente no mundo e, portanto, pensamento crítico de si mesmo e dos outros. A realidade geográfica não será portanto um mistério: reconhecer seu lugar, seu espaço, o que vê enquanto paisagem, é uma das tarefas da geografia existencial. Decerto, temos um caminho longo para uma fundamentação, mas que encontra-se em seu alvorecer, pois um retorno já se evidencia no humanismo geográfico: a geografia pensada com filosofia.

Portanto, há um vasto campo de suas reais possibilidades nos estudos geográficos a partir da fenomenologia e do existencialismo (materialidade, subjetividade e intersubjetividade), no entanto, este trabalho tem sido um esforço localizado o que nos leva a considerar que há um longo trabalho a caminho. Talvez, este horizonte não tenha ainda sofrido uma real preocupação de suas possibilidades ou potencialidades e, é nesse sentido, que este texto visou uma contribuição.

## REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. Lire Dardel aujourd'hui. **Espace géographique**, nº1, Géographie et philosophie, 1988. pp. 43-46.

BUTTNER, Anne. Grasping the dynamism of lifeworld. **Annals of American Geographers**. n. 66 (2). 1976, pp. 277-292.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Trad de Luiz F. Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2 ed. – Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.

CORREIA, Marcos Antonio. **A Geografia Cultural no III Milênio**: perspectivas epistêmico-metodológicas e pedagógicas. **EDUCAÇÃO: Teoria e Prática** - v. 20, n.34, jan.-jun.-2010, p. 87-100.

CUNHA, Euclides. **Um paraíso perdido**: reunião de ensaios amazônicos. Seleção e coordenação de Hildon Rocha. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

DE PAULA, Fernanda Cristina. **Sobre a dimensão vivida do território: tendências e a contribuição da fenomenologia.** GeoTextos, vol. 7, n. 1, jul. 2011. pp. 105-126.

ENTRIKIN, J. Nicholas. Contemporary Humanism in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, Vol. 66, No. 4, (Dec., 1976), pp. 615-632.

FERREIRA, R. B. **A Natureza do Espaço em Immanuel Kant e Milton Santos: Fundamentos Epistemológicos e Ontológicos.** 53p. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Geografia). Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Macapá-AP., 2011.

GOTO, Tommy Akira. **Fenomenologia, mundo-da-vida e crise das ciências: A Necessidade de uma geografia fenomenológica.** Geograficidade, v.3, n.2, Inverno 2013.

HOLZER, Werther. A Geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. Lobato. **Matrizes da Geografia Cultural.** – Rio de Janeiro: EDERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Influência de Eric Dardel na Construção da Geografia Humanista Norte Americana.** In: Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Realizado de 25 a 31 de julho de 2010. Porto Alegre - RS, 2010.

HOYAUX, André-Frédéric. **Phénoménologie et géographie.** Article à paraître dans *Hypergéogéographie*, 2009. (3pgs).

HUSSERL, Edmund. **Méditations Cartésiennes: Introduction a la phénoménologie.** Paris: Librairie Philosophique L. Vrin, 6, Place de la Sorbonne Ve, 1966.

\_\_\_\_\_. **The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology An Introduction to Phenomenological Philosophy.** Northwestern University Press Evanston 1970.

\_\_\_\_\_. **A crise da humanidade europeia e a filosofia.** Introd. e trad. Urbano Zilles. - 3. ed. Porto Alegre: EDJPU CRS, 2008. 88p. – (Coleção Filosofia).

JOHNSON, Louise. **Bracketing lifeworlds: Husserlian phenomenology as geographical method.** Australian Geographical Studies, 21, April 1983.

KOZEL, Salette. **Representação do espaço sob a ótica, dos conceitos: mundo vivido e dialogismo.** Anais do XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Porto Alegre: julho, 2010.

LEE, David R. **Existentialism in Geographic Education.** Journal of Geography, 73:6, 1974. p. 13-19.

LÉVY, Bertrand. L'apport de la philosophie existentielle à la géographie humaniste. In: Antoine Bailly, Renato Scariati, **L'Humanisme en Géographie**, Anthropos/Economica, Paris, 1990, 77-86.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Arqueologia Fenomenológica**: em busca da experiência. Terra Livre Goiânia Ano 21, v. 2, n. 25 p. 67-79 Jul-Dez./2005a.

\_\_\_\_\_. **Da existência e da experiência**: origens de um pensar e de um fazer. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v. 15, n. 24, p. 49-67, 1º sem. 2005b.

MARTINS, Élvio Rodrigues. **Geografia e ontologia**: o fundamento geográfico do ser. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 21, pp. 33 - 51, 2007.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **Geografia humanística**: a perspectiva de experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. In: Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 52, n. 4, p. 91-115. 1990.

\_\_\_\_\_. **Em defesa do indivíduo nos Estudos Geográficos**. In: I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico. Eixo Temático: v. II, Rio Claro: UNESP, 1999.

NOGUÉ, Joan. Geografía humanista y paisaje. **Annales de la Universidad Complutense**, n.5, p.93-107, 1985.

RAFFESTIN, Claude. **Pourquoi n'avons-nous pas lu Éric Dardel?** Cahiers de géographie du Québec, vol. 31, nº 84, 1987, p. 471-481.

RELPH, Edward. Phenomenology. In.: HARVEY, M. E.; HOLLY, B. P. (eds.). **Themes in geographic thought**. London: Croom Helm. 1981. p. 99-114.

SAMUELS, Marwyn. S. Existentialism and human geography. In: LEY, D.; SAMUELS, M. S. (eds.). **Humanistic geography**: Prospect and Problems. Chicago: Maaroufa Press, 1978. p. 22-40.

\_\_\_\_\_. An existential geography. In: HARVEY, M.; HOLLY, B. (eds.). **Themes in Geographic Thought**. New York: St. Martin's Press, 1981. pp. 115-132.

SANTOS, Clécio. **Geografia e Fenomenologia**: algumas aproximações a partir da geografia humanista e da geografia das representações. Revista Diálogos n.º. Garanhuns/PE – 2011.

SARTRE, Jean Paul. Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: l'intentionnalité. In.: **Situations I**. Paris, Gallimard, 1947.

\_\_\_\_\_. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. **O Ser e o Nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigo. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SEAMON, David. **Phenomenology, geography and geographical education**.  
Journal of Geography in Higher Education, 3:2, (1979). p. 40-50.